

EPISTEMOLOGÍA E HISTORIA DE LA CIENCIA

SELECCIÓN DE TRABAJOS DE LAS X JORNADAS

VOLUMEN 6 (2000), Nº 6

Pio García
Sergio H. Menna
Víctor Rodríguez
Editores



ÁREA LÓGICO-EPISTEMOLÓGICA DE LA ESCUELA DE FILOSOFÍA
CENTRO DE INVESTIGACIONES DE LA FACULTAD DE FILOSOFÍA Y HUMANIDADES
UNIVERSIDAD NACIONAL DE CÓRDOBA



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons atribución NoComercial-SinDerivadas 2.5 Argentina



Sobre o revisionismo da obra de Carnap

*José Carlos Pinto de Oliveira**

Está em curso um processo de revisão histórica do positivismo lógico, caracterizado por uma franca tentativa de reavaliar e revalorizar o trabalho de seus principais representantes, principalmente Carnap, diante do que se considera uma leitura caricatural já cristalizada em tradição. Há aí um aspecto claramente positivo, a disposição de levar em conta a circunstância histórica na investigação de um movimento filosófico, valorizado ainda pela extensão do benefício justamente a um movimento filosófico que tão pouca importância atribuiu ele próprio à história. Há, no entanto, na tentativa particular que passo a considerar, alguns pontos que me parecem claramente negativos e a que vou me ater aqui, na esperança de contribuir para realçar o aspecto positivo do empreendimento.

Seu ponto de partida principal está no trabalho de Carnap posterior ao que Coffa chama de “os anos dogmáticos” (COFFA 1991, p. 348) ou o período do “enfoque fundacional” (p. 327), em que Carnap, “in a new tolerant mood”, admite a posição positivista apenas como uma posição entre outras (pp. 348-9) e se abre ao convencionalismo ou ao holismo semântico. Esse período convencionou-se chamar, imprecisamente (já que o artigo *A Antiga e a Nova Lógica*, por exemplo, de 1930, parece ter ainda o mesmo espírito) de o período posterior ao *Aufbau*.

O foco da irradiação mais recente parece estar no acesso a novos documentos proporcionado pelo “Unity of Science Movement Papers”, da Universidade de Pittsburgh, onde foram encontradas duas cartas enviadas pelo editor (associado) Carnap ao autor Kuhn, por conta da publicação de *A Estrutura da Revoluções Científicas* na *Enciclopédia Internacional da Ciência Unificada*. O próprio fato da publicação naquele espaço, dado o caráter crítico da obra de Kuhn em relação ao positivismo lógico, provocou estranheza, e a compreensível excitação de historiadores diante, digamos, dos vestígios de um cavalo de Tróia, ampliadas com o teor elogioso da correspondência.

Para os defensores do revisionismo, no entanto, a estranheza se resolve plenamente: não há nada de estranho, afinal, com a acolhimento institucional de Kuhn pelo positivismo lógico, através de sua publicação própria, nem com a camaradagem pessoal e profissional de Carnap. A estranheza é apenas aparente e pode ser explicada. Ela não passa de um subproduto da *received view* tal como construída pelo pós-positivismo. Na verdade, uma ‘*received but not sent view*’, em que se opõem os dois movimentos em alto-contraste, preto no branco, como peça de propaganda filosófica. Para ilustrar esse ponto basta observar a forma como dois prestigiosos revisionistas, Michael Friedman e John Earman, introduzem seus artigos.

Escreve Friedman: “...temos visto nos últimos anos um autêntico florescimento de reconsiderações historicamente orientadas do positivismo lógico. No decurso dessas reconsiderações, têm ficado nítido – de modo não inteiramente surpreendente, é claro – que a mencionada reação pós-positivista deu origem a um grande número de idéias seriamente enganosas sobre a gênese, as motivações e os verdadeiros objetivos filosóficos do movimento

* Departamento de Filosofia. IFCH – UNICAMP. Campinas - São Paulo – Brasil.

positivista. (Pouco se pode esperar de críticos filosóficos muito mais voltados para suas próprias agendas do que para a fidelidade histórica, além de gerar estereótipos e deformações.)” (FRIEDMAN 1991, pp. 505-506).

Já Earman escreve: “Nas últimas duas décadas, o positivismo lógico tem servido de bode expiatório. Através da ênfase nas deficiências desse fracassado programa filosófico, as virtudes da nova filosofia da ciência pós-positivista passaram a parecer mais resplandescentes. Não surpreende, é claro, o uso desses polêmicos artificios, uma vez que eles são comuns na retórica das revoluções, sejam elas políticas, científicas ou filosóficas. O que eu acho torto nessa avaliação é a noção de que uma revolução filosófica se oponha a uma evolução já em curso. Pois, embora eu não seja um apologista do positivismo lógico, me parece que muitos dos temas da chamada filosofia pós-positivista da ciência são extensões de idéias encontradas nos escritos de Carnap e outros dos principais positivistas lógicos e empiristas lógicos” (EARMAN 1993, p. 9).

Um outro nome prestigioso entre os revisionistas, Thomas Uebel, vai mais longe nas atribuições de responsabilidade pela má leitura da obra do positivismo lógico. Seguindo a sugestão de uma nota de Friedman (nota 3, p. 507), Uebel acusa Ayer e Quine de, na volta de suas viagens a Viena, transportarem em sua bagagem um produto original já contaminado pelo empirismo britânico de sua própria tradição. Ayer, primeiro, como seguidor do movimento e, depois, Quine como crítico, teriam contribuído decisivamente para os “retratos ingênuos” que se fazem hoje dos membros do Círculo de Viena, nas “histórias enlatadas” com que muitos escritores prefaciam seus novos trabalhos (UEBEL 1996, p. 416).

Podemos dividir, para organizar, nosso grupo de revisionistas em dois sub-grupos: os moderados e os radicais. Entre os moderados estão, por exemplo, John Earman e George Reisch (que publicou pela primeira vez as cartas de Carnap a Kuhn). Eles aceitam a existência de pelos menos duas fases importantes e bem distintas no desenvolvimento da obra filosófica de Carnap. Aceitam o que chamamos com Coffa de “os anos dogmáticos”, que incluiriam o *Aufbau*, período orientado por um projeto fundacionalista. Em seguida viria uma segunda fase, caracterizada essencialmente por uma ruptura com os propósitos fundacionalistas e a que poderíamos chamar, numa concessão preliminar aos revisionistas, de a fase pós-positivista de Carnap. Os radicais estão representados por nomes como Friedman e Uebel. Eles negam a existência de qualquer período que possa ser descrito como fundacionalista no trabalho de Carnap e rejeitam também, portanto, a ruptura admitida pelos moderados.

No que segue, apresento algumas críticas, primeiro aos moderados, depois aos radicais, e concluo com um breve *tutti*, levantando uma questão mais geral sobre o projeto revisionista.

Em primeiro lugar, os revisionistas parecem muito apressados nas conclusões que extraem das duas elogiosas cartas de Carnap dirigidas a Kuhn. São duas cartas muito breves. Descontados os detalhes puramente editoriais, resumem-se no seguinte:

Carta I (12/04/60): “Acredito que a monografia planejada será uma contribuição valiosa à Enciclopédia. Eu mesmo estou muito interessado nos problemas com que você pretende lidar, embora meu conhecimento de história da ciência seja na verdade fragmentário. Entre muitos outros itens, gostei de sua ênfase sobre os novos quadros conceituais que são propostos em revoluções na ciência e, com base neles, o estabelecimento de novas questões, não apenas respostas a velhos problemas” (REISCH 1991, p. 266).

Carta 2 (28/04/62): “Estou convencido de que suas idéias serão muito estimulantes para todos aqueles que estão interessados na natureza das teorias científicas, e especialmente nas causas e formas de suas mudanças. Achei muito sugestivo o paralelo que você traça com a evolução darwiniana: do mesmo modo como Darwin abandonou a antiga idéia de que a evolução se dirigia a uma meta predeterminada – homens como organismos perfeitos – e a viu como um processo de aperfeiçoamento por seleção natural, você enfatiza que o desenvolvimento de teorias não está dirigido à teoria verdadeira perfeita, mas é um processo de aperfeiçoamento de um instrumento. Em meu próprio trabalho sobre lógica indutiva em anos recentes, cheguei a uma idéia similar: que meu trabalho e os trabalhos de uns poucos amigos na solução passo a passo de problemas não devem ser encarados como se conduzissem “ao sistema ideal”, mas mais propriamente como um aperfeiçoamento passo a passo de um instrumento. Antes de ler seu manuscrito, eu não teria colocado a coisa exatamente nesses termos. Mas suas formulações e esclarecimentos através de exemplos e também sua analogia com a teoria de Darwin me ajudaram a ver com mais clareza o que eu tinha em mente. A partir de setembro, estarei no Stanford Center por um ano. Espero que a gente tenha oportunidade de estar junto e conversar a respeito de problemas de interesse comum” (REISCH 1991, pp. 266-267).

Segundo Reisch, pode-se contornar a estranheza provocada pela leitura dessas cartas, que atestariam a calorosa recepção da teoria destinada a “matar” o empirismo lógico por parte do “arconte do empirismo lógico” (REISCH 1991, p. 276), considerando o trabalho mais recente de Carnap. Ele apresenta alguns textos de Carnap aparentemente compatíveis tanto com o teor das cartas quanto com as concepções de Kuhn. O mesmo fazem os demais revisionistas. Fala-se, então, como Earman, no relativismo, no holismo semântico, e até na seleção de paradigma e no conceito de incomensurabilidade de Carnap (Cf. EARMAN 1993, pp. 12 e 21).

O problema geral dessas aproximações é a dificuldade de se apontar textos explícitos de Carnap sobre as revoluções científicas. São poucos e, em vários casos, posteriores ao contato com Kuhn, o que comprometeria, como reconhece Reisch, a lisura, a independência necessária ao paralelo que se procura traçar entre os dois autores. Recorre-se, assim, na verdade, para a analogia, ao “corpus carnapiano mais amplo” (REISCH 1991, p. 270, nota 4), essencialmente aos estudos da linguagem (Cf. EARMAN 1993, p. 21). Não creio que tal expediente seja inteiramente espúrio. A questão é que ele escamoteia um aspecto histórico relevante, o fato de que Carnap não está afinal se referindo à revolução científica e o que ele diz não deve ser tomado despreocupadamente como sendo “suas visões sobre o pensamento científico revolucionário” (REISCH 1991, p. 270).

O que eu quero dizer é que esse lado da filosofia da ciência, a chamada dinâmica da ciência (Cf. KUHN 1977, pp. 12 e 267 e HORWICH 1993, pp. 312-313) não é um tema carnapiano. Isso parece muito claro no último livro de Carnap, dedicado diretamente à filosofia da ciência: *An Introduction to the Philosophy of Science* (1966). Há ali poucas referências a temas como a revolução científica, a seleção entre teorias ou o progresso, de sorte que o índice remissivo não consigna essas expressões. Além disso, Kuhn não é citado. Seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* não aparece na bibliografia, nem no item “obras gerais” onde são arrolados os livros de autores como Nagel, Toulmin e Scheffler. Isso parece estranho.

Mas a surpresa provocada pela negligência do suposto Carnap kuhniano em relação a Kuhn talvez possa ser compreendida pela excrescência acima sugerida, pela relativa ausência de temas ditos dinâmicos na filosofia da ciência de Carnap. Kuhn parece fazer menção exatamente a isso quando distingue seu trabalho em filosofia da ciência (ou sua área de concentração) de trabalhos mais voltados para a “lógica aplicada” ou aos problemas filosóficos da “causação ou do espaço e tempo” (KUHN 1977, p. 12). E lá estão esses temas, efetivamente arrolados no índice remissivo do livro de Carnap...

E não poderíamos avançar, com segurança, mais um passo nessa mesma direção? Carnap não estaria excluindo Kuhn de seu livro sobre filosofia da ciência porque o trabalho de Kuhn não seria para ele filosofia da ciência? Seria, quem sabe, sociologia da ciência, psicologia da ciência ou, para usar a única forma com que ele se refere diretamente ao trabalho de Kuhn nas cartas, história da ciência? Qualquer coisa fora do chamado contexto da justificação? Em caso afirmativo, poderíamos contar com uma ótima alternativa para explicar aquela aceitação, considerada anômala, de *A Estrutura das Revoluções Científicas* para publicação justamente na *Enciclopédia da Ciência Unificada*.

Vejamos o que escreve Carnap na abertura de seu artigo *Logical Foundations of the Unity of Science*: “A tarefa de analisar a ciência pode ser abordada de diversos ângulos. (...) Podemos pensar, por exemplo, em uma investigação da *atividade* científica. Podemos estudar o desenvolvimento histórico dessa atividade. Ou podemos tentar saber de que modo o trabalho científico depende das condições individuais dos que trabalham em ciência ou da situação da sociedade que os circunda. Ou ainda descrever os procedimentos e instrumentos empregados no trabalho científico. Essas investigações da atividade científica podem ser chamadas respectivamente de história, psicologia, sociologia e metodologia da ciência. O objeto de tais estudos é a ciência enquanto corpo de ações levadas a efeito por certas pessoas sob certas circunstâncias. A teoria da ciência nesse sentido será tratada em vários outros lugares desta *Enciclopédia*. É certamente uma parte essencial do fundamento da ciência.(...) Mas é possível abstrair em uma análise os enunciados da ciência das pessoas que fazem os enunciados e das condições psicológicas e sociológicas dessas asserções. A análise das expressões linguísticas da ciência mediante tal abstração é a *lógica da ciência*” (CARNAP 1938, p. 42, grifo meu).

Para explicar a publicação da *Estrutura* na *Enciclopédia* não seria necessário, então, mais do que recorrer-se ao fato de que já estava previsto e reservado um espaço para ela no próprio projeto da *Enciclopédia*. Admitir sua classificação, por Carnap, como trabalho de história da ciência, de psicologia, de sociologia, metodologia da ciência ou tudo isso junto (como se poderia descrever muito bem o trabalho de Kuhn nos termos de Carnap) é muito simples, já que até hoje ainda se discute a concessão a Kuhn do honorífico título de filósofo da ciência. E admitir essa classificação será a forma mais natural, acredito, de resolver as duas estranhezas a que nos referimos: a publicação da *Estrutura* na *Enciclopédia* e o inteiro descaso do ‘kuhniano’ Carnap para com Kuhn no seu último livro, dedicado justamente à filosofia da ciência, e publicado bem depois do envio das elogiosas cartas.

Quanto aos revisionistas radicais, creio que há duas críticas básicas que lhes podem ser dirigidas. Em primeiro lugar, a negligência em relação às evidências contrárias. Considere-se o seguinte trecho da autobiografia de Carnap, no volume editado por Schilpp: “Eu acreditava que a tarefa da filosofia consistia em reduzir todo conhecimento a uma base de certeza. Desde que a maior parte do conhecimento certo é aquele do imediatamente dado,

enquanto que o conhecimento das coisas materiais é derivativo e menos certo, parecia que o filósofo deveria empregar uma linguagem que usasse dados dos sentidos como base” (SCHILPP 1963, p. 50). Ou, mais adiante: “De acordo com a concepção original, o sistema de conhecimento, embora crescendo constantemente em amplitude, era visto como um sistema fechado no seguinte sentido: nós assumimos que havia uma base sólida de conhecimento, o conhecimento do imediatamente dado, que era indubitável. Qualquer outro tipo de conhecimento se supunha sustentado por essa base e por isso igualmente decidível com certeza. Este foi o quadro que eu apresentei no *Logischer Aufbau*” (SCHILPP 1963, p. 57).

Contra uma evidência luminosa como esta, Michael Friedman só oferece uma obscura resposta, escondida em uma nota. Segundo ele, Carnap só emprega uma tal linguagem fundacionalista retrospectivamente (Cf. FRIEDMAN 1991, p. 508). Em primeiro lugar, esse não é o caso. Carnap usa a mesma linguagem em, por exemplo, *The Old and the New Logic*, de 1930 (Ver AYER 1959, pp. 143-144). E mesmo que isso fosse verdade, suspeito que tal linguagem retrospectiva deveria ser levada em conta. Thomas Uebel também descarta essa questão. Ele nem ao menos cita a autobiografia. Em sua bibliografia, aparece o volume editado por Schilpp, mas apenas para destacar as respostas às críticas, deixando assim de fora, explicitamente, a autobiografia...

Uma segunda dificuldade dos revisionistas radicais está na explicação que oferecem para a origem e persistência da má leitura de que teria sido vítima o positivismo lógico desde o seu princípio. Parece muito aventuroso atribuir os equívocos de interpretação aos ‘divulgadores’ Ayer e Quine, que teriam assimilado mal o movimento em suas rápidas visitas a Viena, e assim difundido para o mundo, em sua ‘literatura de viagem’, um produto contaminado pelo empirismo britânico, como pensa Uebel (e, mais discretamente, também Friedman). A dificuldade está em sustentar essa versão diante de evidências inteiramente desfavoráveis.

No manifesto positivista lógico, *A Concepção Científica do Mundo* (1929), escrito por Neurath, Hahn e Carnap, os nomes de Hume e Mill aparecem duas vezes na genealogia do movimento (Cf. NEURATH 1985). E vale destacar, entre outras, a menção de Carnap, num verbete para o dicionário de filosofia editado por Runes, aos nomes de Hume e Mill que, ao lado de Mach, comporiam “o antigo empirismo e positivismo”, segundo Carnap, um das três alas historicamente influentes na eclosão do movimento (RUNES 1942, p. 285). E caberia ainda perguntar: Será que Carnap teria deixado passar em branco uma leitura completamente equivocada de seu trabalho por parte de Ayer? E a teria mesmo endossado, permitindo que fossem editados por ele, Ayer, alguns de seus artigos no *Logical Positivism* (1959), precedidos de um ensaio introdutório do editor e ainda escrevendo algumas notas especialmente para a edição?...

Segundo os revisionistas, Kuhn (representando o pós-positivismo) teria feito vista grossa para a evolução de Carnap e do positivismo lógico (segundo os moderados) ou para a verdadeira natureza, não-fundacionalista, do positivismo lógico (segundo os radicais). Tal expediente seria parte da estratégia de *marketing* filosófico ou da destrutiva retórica revolucionária do pós-positivismo. Os revisionistas insinuam francamente a má fé do procedimento (principalmente da parte de Kuhn, que teria desprezado heroicamente as cartas e a inconveniente simpatia de Carnap), mas, muito compreensivos, logo o situam, com a ciência, na ‘boa companhia’ do conhecido ‘*fair play*’ revolucionário da política...

Esse tom cínico e suspeito que perpassa o texto dos revisionistas parece chegar a seu desenlace natural aqui ao sul do equador, no artigo de Nélide Gentile, da Universidade de Buenos Aires. Ela troca o cinismo por um mal reprimido desejo de passar uma descompostura em Kuhn pelo descaramento de apresentar sua posição sem originalidade “como absolutamente renovadora”. E conclui dizendo que a principal diferença entre Kuhn e Carnap é que “à coerência, precisão e rigor filosóficos que caracterizam os escritos de Carnap, se opõe o caráter metafórico e, freqüentemente, vago e obscuro das exposições de Kuhn” (GENTILE 1996, p. 93)...

Creio que se pode concluir, com Borges (mencionado também por Coffa, em outro contexto), que todo grande escritor cria e justifica seus precursores. E acrescentar: cria também os revisionistas, os que saem com suas novas lanternas traseiras a caçar precursores na noite, para, às vezes, ungi-los como inventores. Eis aí como Kuhn é perversamente envolvido nessa bem intencionada revisão de Carnap e o positivismo lógico. Ele, Kuhn, que talvez esteja historicamente por trás de mais esse esforço historiográfico, acaba exposto à frente de todos como uma espécie de usurpador...

Assim, o revisionismo me parece equívocado nessa sua tentativa *whig* de reabilitar Carnap ou o positivismo lógico, falando no princípio de tolerância, destacando o *low-profile* do Carnap pós-*Aufbau* e esquecendo completamente o virtual ‘princípio de intolerância’ que governou o “orgulhoso movimento filosófico” (a expressão é de Haller) em seus anos dogmáticos, ou a “filosofia para acabar com todas as filosofias” (na expressão de Feigl). Na verdade, nem Carnap nem o positivismo lógico precisa ser reabilitado. Não é porque o positivismo lógico tenha se transformado em bode expiatório, como dizem os revisionistas, que precise ser protegido da crítica apelando para o *clinch*, abraçando o adversário. E nem há adversários, no caso. A relação é de ascendência-descendência, com toda sua ambivalência freudiana. E o positivismo lógico, fundacionalista, é suficientemente importante como referência, como renovação contemporânea do sonho da certeza, como o ideal e padrão em relação ao qual podemos medir e temos medido o tamanho de nossas renúncias epistemológicas, para merecer ser reabilitado como precursor de quem quer que seja. Ou como inventor do que quer que pareça, agora, aos revisionistas, menos ingênuo. Falo respeitosamente, na qualidade de mais um crítico do positivismo lógico. Não há mais nada a fazer em nome do pai.

Obras citadas

- AYER, A. (ed.) *Logical Positivism*. Glencoe, Free Press, 1959.
- AXTELL, G. In the Tracks of the Historicist Movement: Re-Assessing the Carnap-Kuhn Connection. *Stud. Hist. Phil. Sci.*, vol. 24, 1993.
- CARNAP, R. Logical Foundations of the Unity of Science. In *International Encyclopedia of Unified Science*. Chicago, University of Chicago, 1938.
- CARNAP, R. *The Logical Structure of the World*. Berkeley, University of California, 1967. (Original em alemão: *Der Logische Aufbau der Welt*. Berlin, Weltkreis, 1928).
- CARNAP, R. *The Logical Syntax of Language*. London, Routledge, 1937. (Original em alemão: *Logische Syntax der Sprache*. Wien, Julius Springer, 1934).
- CARNAP, R. *An Introduction to the Philosophy of Science*. N. York, Dover, 1995.
- COFFA, J.A. *The Semantic Tradition from Kant to Carnap*. Cambridge, Cambridge University, 1991.
- EARMAN, J. Carnap, Kuhn, and the Philosophy of Scientific Methodology. In HORWICH, P.(ed.).
- FRIEDMAN, M. The Re-Evaluation of Logical Positivism. *J. Philosophy*, vol. 88, 1991.

- GENTILE, N. Holismo Semántico e Inconmensurabilidad en el Debate Positivismo-Antipositivismo. *Crítica*, vol. 28, 1996.
- HORWICH, P. (ed.). *World Changes*. Cambridge, The MIT Press, 1993.
- IRZIK, G. e GRUNBERG, T. Carnap and Kuhn: Arch Enemies or Close Allies? *Brit. J. Phil. Sci.*, 46, 1995.
- KUHN, T. *The Essential Tension*. Chicago. University of Chicago, 1977.
- KUHN, T. *The Trouble with Historical Philosophy of Science*. Cambridge, Harvard University, 1992.
- LAKATOS, I. e MUSGRAVE, A. (eds.) *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge, Cambridge University, 1970.
- NEURATH, O. et. al. La Conception Scientifique du Monde. In SOULEZ, A. (ed.) *Manifeste du Cercle de Vienne et Autres Écrits*. Paris, PUF, 1985.
- PINTO DE OLIVEIRA, J. C. Carnap e o Pós-Positivismo. *Primeira Versão*, n. 74, 1998.
- QUINE, W. *Ontological Relativity and Other Essays*. N. York, Columbia University, 1969.
- REISCH, G. Did Kuhn Kill Logical Empiricism?. *Philosophy of Science*, 58, 1991.
- RUNES, D. (ed.) *The Dictionary of Philosophy*. N. York, Philosophical Library, 1942.
- SCHILPP, P.(ed.) *The Philosophy of Rudolf Carnap*. La Salle, Open Court, 1963.
- UEBEL, T. Anti-Foundationalism and the Vienna Circle's Revolution in Philosophy. *Brit. J. Phil. Sci.*, 47, 1996.